



ISSN: 1983-8379

Do romance à crônica: A escrita de Dalcídio Jurandir transcendendo o gênero

Tayana Andreza de Sousa Barbosa¹
Dra. Marlí Tereza Furtado²

RESUMO: Pretende-se com este trabalho analisar duas crônicas de Dalcídio Jurandir denominadas “Os viradores de madeira” e “Tomei bença de mãe baiana”, publicadas no jornal *O Estado do Pará*, em 14 de junho de 1939 e 25 de junho de 1941, respectivamente, a fim de investigar como o romancista se comportou com a criação desse gênero.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; Romancista; Cronista; *O Estado do Pará*.

RESUMEN: La intención con este trabajo es analizar dos crónicas del escritor Dalcídio Jurandir llamadas "Os viradores de madeira" y "Tomei bença de mãe baiana", publicadas en el periódico *O Estado do Pará*, en 14 de junio de 1939 y en 25 de junio de 1941, respectivamente para investigar cómo el novelista se comportó con la creación de este género.

Palabras-clave: Dalcídio Jurandir; novelista; cronista; *O Estado de Pará*.

1. Dalcídio Jurandir: O romancista da Amazônia

Pode-se dizer que Dalcídio Jurandir (1909-1979) foi um intelectual completo, dedicando praticamente toda sua vida ao mundo das letras. Desde os 16 anos, já aparecia como colaborador de uma revista chamada *Nova Aurora*, de pouca circulação, mas que conferiu ao escritor experiência em uma atividade que, anos depois, seria presente em seu

¹ Mestranda em Estudos Literários, do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA) e bolsista de mestrado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professora associada I do Curso de graduação e de Pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenadora do projeto: **Dalcídio Jurandir e o realismo socialista**.



ISSN: 1983-8379

cotidiano, produtor de textos para periódicos. O escritor marajoara ingressou na vida das letras muito cedo. Aos vinte anos de idade escreveu a primeira versão de *Chove nos Campos de Cachoeira*, com a qual recebeu o primeiro lugar no concurso literário promovido pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vecchi, em 1940. Desde então, lançou-se no cenário nacional literário, recebendo outros dois prêmios: Paula Brito, com o romance *Belém do Grão-Pará*, e Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

Sua dedicação para a literatura continuou se expandindo. Após a boa recepção crítica de *Chove nos Campos de Cachoeira*, considerado pelo próprio autor como embrião dos outros nove que o sucederão, Dalcídio deu prosseguimento ao seu projeto de traçar um quadro de costumes e tradições marajoaras em dez romances, sob o título **Extremo Norte**. Assim, seguido do primeiro romance da saga, tem-se *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1968), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). Em meio à composição do ciclo, o romancista escreveu o romance proletário *Linha do Parque*, editado em 1959, cuja proposta estética é bastante diferente da proposta utilizada no ciclo.

Nessa vasta produção romanesca, publicada entre os anos de 1941 a 1978, o autor se propôs em traçar um painel da vida amazônica, dando voz, sobretudo, ao pobre da região Norte do país. A Amazônia é o grande palco das atribulações do trabalhador rural, dos sonhos e dos conflitos internos de mulheres e crianças que lutam para sobreviver em um ambiente impregnado pela pobreza e pela miséria da população local. Ao ler seus romances, percebe-se que Dalcídio seguiu obstinadamente o seu objetivo de abordar os problemas de “sua gente”, da chamada, por ele, “aristocracia de pé no chão”. Segundo o autor, é para eles que a sua literatura deve servir:

Modéstia a parte, se me coube um pouco de Dom de escrever, se não fiquei por lá, pescador, barqueiro, vendedor de açaí no ver-o-peso, o pequenino dom eu recebo como privilégio, uma responsabilidade assumida, para servir aos meus irmãos de igapó e barranca. As poucas letras que me cabem, faço tudo por merecê-las. Entre aquelas gente tão sem nada, uma pequena vocação literária é coisa que não se bota fora. Se posso tocar a viola, mesmo de orelha, tenho de tocar com ou por eles. A eles tenho que dar conta do encargo, bem ou mal com obstinação e verdade. (JURANDIR, 1996, p. 33)



ISSN: 1983-8379

Não distante desse universo das letras, o escritor exerceu vários cargos públicos: foi secretário Tesoureiro da Intendência Municipal (1929), auxiliar de gabinete Municipal do Estado (1931), Inspetor escolar em Salvaterra (1938) e secretário da Delegacia de Recenseamento em Santarém (1940), além de colaborar para vários jornais e revistas de Belém e do Rio de Janeiro.

Além de sua verve para a literatura, Dalcídio foi um intelectual comprometido com os problemas político-sociais do Brasil. Desde muito cedo, inseriu-se em movimentos sociais, participando ativamente do movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e em lutas contra o Nazi-fascismo. Não é espantoso, portanto, que tenha militado junto ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante muitos anos, do qual, inclusive, acatou diversas exigências. Uma delas foi a elaboração de *Linha do Parque*. A obra foi uma encomenda do PCB com a exigência de que o romance devesse se configurar sob as regras do realismo socialista³. Assim, o escritor foi enviado pelo partido à cidade do porto do Rio Grande para vivenciar de perto todos os percalços do movimento operário, ocorrido naquela cidade, na primeira metade do século XX, a fim de poder retratar com mais propriedades os problemas enfrentados pelos trabalhadores industriais da região. De acordo com Moraes (1994),

As revistas culturais freqüentemente publicavam capítulos de romances, contos e poemas sintonizados com o realismo socialista. Pelo menos três romances foram escritos de encomenda, sendo os autores obrigados a conhecer de perto as condições de vida do proletariado para retratá-las com fidelidade. O paraense Dalcídio Jurandir foi mandado para a cidade gaúcha do Rio Grande a fim de preparar um livro sobre os portuários locais. (MORAES, 1994. p. 160)

Além de sua atividade como romancista, o escritor trabalhou intensamente nos periódicos de Belém e do Rio de Janeiro. Na capital paraense, colaborou para o jornal *O Estado do Pará* e para as revistas: *Revista Escola*, *Novidade*, *Terra Imatura* e *A Semana*. Em 1941, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a contribuir para os periódicos da cidade carioca: *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Voz operária*, *Correio da Manhã*, *Tribuna*

³ O Realismo Socialista foi o estilo artístico oficial da União Soviética, idealizado por Andrey Zhdanov, entre as décadas de 1930 e 1960, aproximadamente. Foi, na prática, uma política de Estado para a estética em todos os campos de aplicação da forma, desde a Literatura até o Design de produtos, incluindo todas as manifestações artísticas e culturais soviéticas (Pintura, Arquitetura, Design, Escultura, Música, Cinema, Teatro etc.).



ISSN: 1983-8379

Popular, Novos Rumos, O Jornal, Imprensa Popular, Literatura, O Cruzeiro, A Classe Operária, Para Todos, Problemas e Vamos Ler.

Entretanto, para este trabalho far-se-á um estudo no jornal *O Estado do Pará*, circulante em Belém do Pará, entre os anos de 1911 a 1980, mais especificamente sobre a publicação de crônicas do autor. A importância desse periódico para a carreira jornalística do escritor se dá pelo fato de ele ter sido o principal jornal para o qual Dalcídio contribuiu na capital paraense, com um número expressivo de textos assinados por ele.

As publicações de Dalcídio nesse jornal datam, em sua maioria, de 1937 a 1942. Ainda que não se possa precisar o início da colaboração do autor para *O Estado do Pará*, é possível afirmar que sua vida jornalística nesse periódico foi bastante intensa, sobretudo no que se refere às crônicas, uma vez que o número de textos encontrados entre os anos de 1937 a 1942 é bastante significativo.⁴

Em seis anos de colaboração para esse jornal, Dalcídio publicou 19 (dezenove) textos, sendo 6 (seis) Críticas Literárias, 1 (um) Ensaio e 12 (doze) Crônicas. *A priori*, sua publicação parece esporádica, levando em consideração o número de textos e o longo período de colaboração. Entretanto, é necessário ressaltar que *O Estado do Pará* foi um jornal para o qual muitos outros escritores paraenses contribuíram com os mais variados textos, inclusive no mesmo espaço – no rodapé do jornal. Portanto, um escritor com mais de dois textos em um ano é um fato bastante significativo, como foi o caso de Dalcídio. Somente no ano de 1938 houve quatro textos de sua autoria: “O arranha céu e o lírios dos campos” (crítica Literária), “Osvaldo Orico e o seu discurso na academia” (Ensaio), “Um livro digno de excomunhão” (Crítica Literária) e “Tomei bença de mãe baiana” (Crônica). Mais significativo ainda foi o ano de 1941, com o dobro de textos publicados: “A presença de Bahira” (Crônica), “Nosso encontro com Oscar da Silva” (Ensaio), “São João evêm” (Crônica), “Jorací Camargo e o teatro do estudante” (Crônica), “Chaminé, o pai Francisco” (Crônica), “Boi e teatro”

⁴ Em 2007 foi desenvolvida uma pesquisa de Iniciação Científica pela bolsista Tayana Andreza de Sousa Barbosa, intitulada **Dalcídio Jurandir e a produção periódica em Belém do Pará**, cujo resultado serviu para compor o *corpus* deste trabalho. Esse plano estava inserido dentro de um projeto maior, coordenado pela professora Dra. Marlí Tereza Furtado, sob o título **Dalcídio Jurandir e o realismo socialista**. Tal pesquisa tinha como um dos objetivos reunir os textos dalcidianos, publicados nos periódicos da capital paraense. *O Estado do Pará* foi um desses jornais e seus exemplares encontram-se disponíveis no setor de Periódicos, da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR).



ISSN: 1983-8379

(Crônica), “Sobre a comédia literária” (Crítica Literária) e “Cangerão na pensão Quitéria em Santarém” (Crônica). Além disso, ainda que a publicação desses textos não tenha sido mensalmente, os espaços entre uma e outra é muito curto, conforme se pode observar na tabela abaixo:

Autor	Título do texto	Ano	Dia	Mês	Gênero textual	Página
Dalcídio Jurandir	“Com José Americo, pela Democracia”	1937	5	Agosto	Crônica	1; 3
Dalcídio Jurandir	“«O integralismo quer vender a patria ao estrangeiro»”	1937	23	Setembro	Crônica	1; 4
Dalcídio Jurandir	“O arranha ceu e o lirio dos campos”	1938	5	Agosto	Crítica Literária	1; 2
Dalcídio Jurandir	“Osvaldo Orico e o seu discurso na Academia”	1938	12	Agosto	Crônica	1
Dalcídio Jurandir	“Um livro digno de excomunhão”	1938	15	Novembro	Crítica Literária	1
Dalcídio Jurandir	“Tomei bença de Mãe Baiana”	1938	25	Novembro	Crônica	1; 2
Dalcídio Jurandir	“Os viradores de madeira”	1939	14	Junho	Crônica	1; 2
Dalcídio Jurandir	“Breve nota sobre «Machado de Assis» de Machado Coelho”	1939	1	Julho	Crítica Literária	1; 4
Dalcídio Jurandir	“A poesia voltou com as grandes chuvas” (Os poemas de Carlos Eduardo, a gramática e o passarinho Carriça)	1940	6	Março	Crítica Literária	1; 2
Dalcídio Jurandir	“Pedro Borges e a alimentação pública”	1940	19	Novembro	Ensaio	2
Dalcídio Jurandir	“A presença da Bahira”	1941	09	Abril	Crônica	1 4ª sessão
Dalcídio Jurandir	“Nosso encontro com Oscar da Silva”	1941	22	Abril	Crônica	1; 4
Dalcídio Jurandir	São João evêem	1941	05	Junho	Crônica	3
Dalcídio Jurandir	“Joraci Camargo e o teatro do Estudante”	1941	17	Junho	Crônica	3
Dalcídio Jurandir	“Chaminé, o Pai Francisco”	1941	18	Junho	Crônica	3
Dalcídio Jurandir	“Boi e teatro”	1941	20	Junho	Crônica	
Dalcídio Jurandir	“Sobre a comedia literaria”	1941	24	Junho	Crítica Literária	3
Dalcídio Jurandir	“Cangerão na pensão Quitéria em Santarém”	1941	25	Junho	Crônica	3



ISSN: 1983-8379

Dalcídio Jurandir	“O Amazonas: a vida de um rio”	1942	11	Março	Crítica Literária	3
-------------------	--------------------------------	------	----	-------	-------------------	---

Tabela 01: Catalogação dos textos de Dalcídio Jurandir publicados no jornal *O Estado de Pará*.

A partir dos títulos já é possível observar que os textos publicados nesse jornal são relacionados às questões literárias, sejam eles críticas sobre alguma obra, sejam eles próprios obras literárias, como é o caso das crônicas que serão analisadas mais detidamente neste trabalho. Os únicos textos cujo conteúdo não tem relação alguma com as questões literárias são: “Com José Américo, pela Democracia” (Crônica), publicado em agosto de 1937, e “O integralismo quer vender a pátria ao estrangeiro” (Crônica), datado de 23 de setembro do mesmo ano, os quais se aproximam mais do estilo combativo e incisivo que, mais tarde, Dalcídio vai encarnar no semanário *Diretrizes*, publicado no Rio de Janeiro. Isso é um fato curioso porque esses foram os primeiros textos publicados no *O Estado do Pará*, portanto, mais distante, em data, da atividade jornalística do romancista no Rio de Janeiro, na década de 1940.

2. Dalcídio Jurandir: Para além do romancista

Assim como muitos outros poetas e romancistas da década de 30 e 40, do século XX, o paraense Dalcídio Jurandir também foi um dos escritores modernistas que se dedicou à composição de crônicas para diversos periódicos. Conforme foi mostrado na tabela acima, não há como negar que a colaboração de Dalcídio Jurandir para a imprensa de Belém foi bastante intensa, confirmando que o escritor não ficou restrito à produção do seu projeto romanesco, mas ampliou a sua atividade artística à criação de outro gênero literário, como a crônica.

Em *O Estado do Pará*, por exemplo, foram publicadas doze crônicas, entre os anos de 1937 a 1942. Entre elas, verificou-se que duas apresentam densidade estética muito mais acentuada que nas demais, fato característico do primeiro momento de colaboração jornalística do escritor, em que seus textos eram voltados para as questões literárias.



ISSN: 1983-8379

As crônicas “Os viradores de madeira” e “Tomei bença de Mãe baiana”, publicadas nesse jornal, em 14 de junho de 1939 e 25 de junho de 1941, respectivamente, interligam-se uma à outra por apresentarem o mesmo estilo narrativo. Ambas se desenvolvem sob uma atmosfera de matéria jornalística visivelmente atenuada com a leveza e o refinamento da linguagem literária. Nelas, o escritor vai costurando o texto com densidade poética e recriação imagética de um fato, aparentemente, sem importância, mas que ganha relevo e magnitude aos seus olhos. Para tanto, utiliza constantemente figuras estilísticas como metáforas, ironias, antíteses e prosopopeias. Além disso, mais acentuado que nas outras dez, publicadas no mesmo jornal, essas duas crônicas apresentam uma forte presença de vocabulários da fala popular paraense e de elementos da oralidade. Por fim, em ambas há uma visível denúncia dos problemas sociais do país, sobretudo, ao se referirem à dicotomia entre pobres e ricos.

2.1. “Os Viradores de madeira”

A crônica “Os viradores de madeira” foi publicada em 14 de junho de 1939, nela, Dalcídio se refere a uma viagem que ele fez às ilhas que circundam alguns municípios do estado do Pará. Nessa viagem, o autor entrou em contato com o cotidiano dos trabalhadores dessa região, cuja atividade econômica era a madeira.

Assim, sob uma atmosfera de matéria jornalística, o narrador registra tudo como um repórter, captando o movimento de luta desses trabalhadores aliado ao natural e gratuito movimento da floresta. Entretanto, tudo é visto com um olhar de quem busca o despercebido e com uma sensibilidade especial com a qual o cronista observa o fato e retira dele o máximo de lirismo. É isso que difere o cronista literário do repórter, o seu olhar e o modo como ele aborda o fato presenciado. Embora aquele esteja diante de um fato que merece ser narrado e exposto, é o modo como ele faz isso que o aproximará ou o distanciará do leitor. Cabe a ele explorar o poder das palavras para transformar o cenário feio e dolorido em algo belo e emotivo. Assim fez o escritor dessa crônica, no momento em que cria um verdadeiro painel imagético de corpos humanos agarrados aos troncos, que se recusam a serem arrancados da terra. Dessa forma, o cronista confere ao texto um teor lírico característico do texto literário e quebra com a tensão entre o fato puramente circunstancial (jornalismo) e a sensibilidade do

7



ISSN: 1983-8379

escritor ao observá-lo (arte). Além disso, pode-se observar uma atmosfera fictícia no texto, uma vez que, embora haja um volumoso número de trabalhadores vivendo em situação desumana para ganhar um ínfimo salário de 4\$000 diário, a criação imagética e a beleza com as quais o narrador constrói a descrição do fato instauram a ficcionalidade. Isso pode ser verificado no seguinte excerto,

Dormi uma noite no taperi dum amigo para assistir o drama. Acordei para ver a viagem noturna, o espetáculo de troncos humanos, curvos e viscosos, atacadados a um toro monstro que não quer subir um lombo de terra, que escorrega do trilho ou corre numa descida. Há um homem na frente que com o espéque de merauba corta a carreira do rolo, endireita-o na estiva. Vem na frente do madeiro como um baliza. Um descuido, um pé que falseie, um esmorecimento e eis o homem debaixo do toro, ou no mínimo com a perna esmagada. Tem ainda os poeiros que ficam nos extremos da coaruba dirigindo a viragem. São eles que gritam: o “vira-vira”! inicial, mandam parar ou chiar o pau. O espeque transmite a ordem e os outros viradores arrancam: “vira, vira, moceno”! E os homens agarrados ao monstro, braços, dorsos, peitos, cabeças confundidas num só bloco empurram-no aos gritos, aos “vira-vira” numa excitação quase lugubre. (JURANDIR, 1938, p. 01-02).

Sabe-se que com o Modernismo, a crônica passou a não somente salientar as enfermidades do país, como também a denunciá-las e a discuti-las com maior persistência. Dessa forma, em “Os viradores de madeira”, o narrador cria uma atmosfera de dor e de sofrimento diante da triste condição de trabalho em que são submetidos os homens da região das ilhas, de modo que transforma essa dor em uma dor coletiva por meio da exploração da subjetividade. A crônica não somente põe em relevo esses problemas reais vividos por milhares de homens que habitam essa região, como também faz com que o leitor se ponha indignado e condoído com o que lê. Tudo é exposto em um clima de conversa entre amigos, como se o cronista estivesse andando pela floresta e pelos rios com uma lupa, destacando tudo o que vê e contando ao seu leitor desatento da grande e movimentada cidade, como se pode observar no seguinte trecho:

E é ainda á noite que eles vão embarcar as coarubas nos feixes de aninga cortados nas vespera. E quando tombam nas redes no tariré, têm um sono de bichos, um sono de troncos abatidos na vigilia da floresta saqueada. Moram no tapiri durante todo o preparo da madeira. Roem jabá ardido, um mapará seco ou carne do marajó, carne de boi morto de doença que produz a “hemorroida sangrada” no pessoal. Mas os trabalhadores assumiram o compromisso de preparar a madeira para o embarque. Não ha trovoada nem sono, não ha mesmo fome quando ás vezes falta o rancho, não ha febre nem moição de corpo que os faça desertar do trabalho a 4\$000 diários a

8



ISSN: 1983-8379

troco com direito a mantimento. Só mesmo quando um tóro amassa uma côxa, parte uma rotula, rebenta um pé, esmaga um braço. Gritam de dor e são afastados da luta mas os outros continuam. (...) Agora imaginem o drama embrutecedor desses homens lutando, se espremendo, de noite e de dia, para arrastar os tóros em cima da estiva que eles antes preparam depois de destocar a estrada até a emboiação! (JURANDIR, 1938, p. 01-02).

Conduzindo o texto como uma conversa corriqueira, Dalcídio faz uso da característica principal da crônica, que é a abordagem dos fatos de forma leve e descontraída, sem grandes abordagens sociológicas ou filosóficas.

Obviamente, ninguém escreve sem intenção comunicativa, seja de informar, seja de persuadir, seja de emocionar, todas essas estratégias escolhidas pelo escritor são indubitavelmente selecionadas para atingir o seu objetivo. Dessa forma, o narrador recria a notícia extraindo dela todo o encantamento e mistério. Com isso, sorratamente ele vai incutindo na mentalidade do leitor o desejo de luta por melhores condições de vida desses cidadãos esquecidos pelo poder público. O autor sabe que é preciso conquistar a cumplicidade do leitor e assim o faz quando deixa prevalecer, no seu texto o clima de conversa e de emotividade. Não é sem pretensão, portanto, que o autor faz uso intenso de figuras estilísticas, como metáforas, ironias e prosopopeias, já que elas geralmente proporcionam lirismo e literariedade ao texto. Nota-se um excerto no qual a dor e o sofrimento dos viradores de madeira são transferidos não somente para os leitores, mas também para a própria floresta, que recolhe “as vozes suadas e angustiadas” desses homens. A floresta, nesse caso, assume a posição de um ser solitário, capaz de acolher os sofrimentos desses trabalhadores braçais. Além da prosopopeia, nesse excerto, percebe-se a ironia do narrador ao fazer alusão ao pensamento preconceituoso que muitas pessoas têm dos trabalhadores rurais da região norte, de que esses são homens preguiçosos e apáticos. Por isso, o cronista pede, ironicamente, para toda essa “turminha por ahí” ir virar a coaruba na região das ilhas.

Com seus gritos com que tentam tanger os rolos eles desejam talvez que as vozes suadas e angustiadas do seu trabalho sejam ouvidas através dos matos e dos rios. (...) E' um céu subterrâneo, sufocado, de vozes curtas que não cantam, praguejam e bradam soturnamente sobre o tóro que não vira... A floresta recolhe as vozes na sua formidável solidão. E eles continuam a derrubar as coarubeiras, a rolar os tóros, noite a dentro, á luz dos candieiros e dos fachos.

(...) Tem um pessoal por aí, uns sócios de rotari, outros fans de Tyrone Power, alguns manequins da terrasse do Grande Hotel, tem uma turminha por ahí que ainda



ISSN: 1983-8379

fala da preguiça, da manha, da fatal indolencia do caboclo.O’ Senhor! Mandai toda essa gente virar coaruba no “centro” das ilhas, Senhor!
(JURANDIR, 1938, p. 01-02).

Observa-se que a crônica, embora tenha uma configuração de matéria jornalística, pelas muitas descrições com que o cronista vai apresentando o cotidiano dos trabalhadores rurais, a exploração da linguagem poética é um importante indício de que o objetivo do escritor não é somente apontar um grupo social esquecido pelos políticos e pela sociedade, mas também fazer com que as dores e as agonias desses homens façam parte das do próprio leitor. Além disso, pela forte presença do lirismo, o texto se distancia do simples apontamento do fato corriqueiro para tomar uma conotação mais literária.

2.2. “Tomei bença de mãe baiana”

“Tomei bença de Mãe baiana”, publicada em 25 de novembro de 1939, é uma crônica na qual Dalcídio fala sobre sua relação com o Samba e sobre a conotação social que há por trás desse gênero musical. Para o cronista, o samba é um som do morro, do barracão onde habita a simplicidade e a humildade do homem do povo. Portanto, o samba não sobrevive na hipocrisia e no histerismo que há na camada nobre da sociedade. Não se pode vendê-lo nem comprá-lo porque ele está dentro de cada um que luta diariamente para sobreviver diante dos percalços da vida. Ora, se tem a música do povo, tem de haver também a música da elite. O tango é, então, o som da burguesia, tocando onde o pobre não entra e não se identifica. É por meio desse jogo entre os estilos musicais que o cronista aproveita para falar da luta de classes, usando o samba e o tango como a personificação das duas extremidades sociais – o pobre e o rico.

E nele apalpo, nele me encontro com o elemento povo, com a substancia povo. O samba não é como o tango, enervante com histerismos sintéticos, hipocresias estilizadas, o ar de casino e transatlântico. O tango é feminino pretencioso e difícil, sofre de uma curiosa espécie de inversão. O samba é masculino, macho, é a mulataria braba, ali no batente, pisando firme na roda, direto e múltiplo, com a sua agressividade sexual e o seu á vontade para toda gente. O samba é do barracão e o tango é do music-hall. Ha uma luta de classe entre o tango e o samba...
(JURANDIR,1938, p. 01-02).



ISSN: 1983-8379

Nessa luta entre os pobres dos subúrbios de Belém e os ricos dos cassinos transatlânticos, o escritor se coloca no primeiro grupo e revela ao leitor o seu encontro com a música suburbana, a qual lhe tirou a imbecilidade e os problemas cotidianos,

Entrei no Curuzu', grave e importante como um medalhão. Tinha no bolso dois mil réis fintados a um amigo e uma porção de pedrinhas pontiagudas dentro dos nervos. O samba então me tirou a imbecilidade, estraiu todas as pedrinhas, me fez esquecer todos os meus cadáveres, os amigos que contam para todo mundo as nossas misérias porque caímos na desgraça de lhe pedir cinco mil emprestados. (JURANDIR, 1938, p. 01-02).

Nota-se, no excerto acima, o manejo da linguagem figurativa com a qual o narrador costura o texto. Embora pareça a simples narração de sua experiência ao entrar no festejo em que o samba é o anfitrião, a metáfora das pedrinhas pontiagudas que o narrador carrega nos nervos, que são na verdade os problemas que o poeta enfrenta, imprime ao trecho uma carga lírica característica do texto literário. Mais uma vez, portanto, o entorno poético se choca com a narração do fato circunstancial nas crônicas de Dalcídio, conferindo ao texto um caráter mais literário do que mera narração de acontecimentos cotidianos.

É importante destacar ainda a forte presença de elementos da oralidade e de vocabulários populares. Esse fato é perfeitamente justificável pela proposta do texto, que é exaltar a cultura do povo e destacar os elementos que compõem a sua identidade. Portanto, se é alguém do povo que fala, uma vez que o cronista assume o papel de narrador-personagem, é coerente a utilização de vocabulários populares e de elementos da oralidade. Além disso, deve-se ressaltar que essa incorporação desses elementos à crônica, ajustada ao ritmo da fala dos grandes centros urbanos, é uma característica bastante recorrente das crônicas modernas. Diante disso, observe o trecho em que aparecem tais expressões:

A baixa em Belém, nascida na várzea, fofa de lama e cariazal, lavada pela maré, onde se emperiquitam as barracas do povo, é o morro da cidade, Nunes Pereira vai escrever uma página sobre as Baixas para "VAMOS LER". O Brasil precisa conhecer além do morro e do mucambo, as baixas de Belém. E si não tenho uma alma de sambista do morro, tenho uma alma de flexador de pirarucu' e batedor de timbó morando na baixa. E como todo pescador não desgosto dum bom frevo, dum cavaquinho, depois dum tucunaré moqueado, comido numa unção sem adjetivo e com bem molho. Por isso fico na baixa e marco o samba (Grifo nosso). (JURANDIR, 1938, p. 01-02).



ISSN: 1983-8379

Convém admitir que, embora o autor tenha feito uso de vários vocabulários populares dos subúrbios de Belém, ele não se deixou levar pela simples abordagem de elementos regionais, mas deixou prevalecer, na crônica, a elegância e o requinte da linguagem poética aliada à leveza dos vocábulos populares. Verifica-se, portanto, que a sensibilidade do cronista ao observar o fato circunstancial fez com que o caráter literário da crônica superasse a mera narração dos acontecimentos.

Considerações finais

Embora seja mais reconhecido pela criação do ciclo romanesco **Extremo Norte**, Dalcídio Jurandir não ficou restrito à criação desse gênero, mas estendeu o seu trabalho à composição de crônica. Como se pôde observar, este trabalho foi bastante desenvolvido pelo escritor, resultando em várias publicações em periódicos de Belém do Pará e do Rio de Janeiro. No jornal *O Estado do Pará*, por exemplo, percebeu-se um traquejo maior com uma linguagem estética e poética, além de uma grande preocupação com as questões literárias do seu tempo.

As crônicas “Os viradores de madeira” e “Tomei bença de mãe baiana”, por exemplo, analisadas neste trabalho, apontam para uma postura mais literária de Dalcídio, utilizando de recursos que conferem lirismo e literariedade ao texto como forte presença de recursos estilísticos e de uma rica ligação entre a realidade e a ficção. Diante disso, observou-se que nesse momento de produção jornalística Dalcídio não desviou do seu projeto literário e permaneceu com um estilo forte, poético e denso em suas crônicas, muito presente em seu universo romanesco.

Referências

ARRIGUCCI, David jr. Fragmentos sobre a crônica. In: *Boletim bibliográfico/ Biblioteca Mário de Andrade*, v. 45, n. 1/4. São Paulo, 1985.



ISSN: 1983-8379

BARBOSA, Tayana. *Dalcídio Jurandir e a produção periódica em Belém do Pará*. Belém. 2008. 80 p. Relatório Técnico Científico.

_____, Tayana. *Dalcídio Jurandir: um cronista de O Estado do Pará e de Diretrizes*. 2010. 51 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Letras). Faculdade de Letras (FALE), Instituto de Letras e Comunicação (ILC), Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas/ Carlos Drummond de Andrade et al.* v. 5. São Paulo: Ática, 1979.

CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira – Modernismo*. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brail, 2006.

FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. 2002. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.

JURANDIR, Dalcídio. *Tomei bença de mãe Baiana*. O Estado do Pará. Belém, p. 01-02, nov., 1938.

_____. *Os viradores de madeira*. O Estado do Pará. Belém, p. 01-02, nov., 1938.

_____. *Eneida entrevista Dalcídio*. Asas da palavra, Belém, p. 33, v. 3, n.4, jun., 1996.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a chronica. In: *Boletim bibliográfico/ Biblioteca Mário de Andrade*, v. 45, n. 1/4. São Paulo, 1985.

MORAES, Dênis. *O Imaginário Vigiado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. In: *Boletim bibliográfico/ Biblioteca Mário de Andrade*, v. 45, n. 1/4. São Paulo, 1985.